



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR - **JOAQUIM CARDOSO**
Redacção e administração - Calçada do Cambro, 28-A, 2.º
Lisboa - PORTUGAL
End. telegr. *Batalha* - Lisboa • Telefone: 19
Officinas de impressão - Rua da Atalaia, 134

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ - PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Educação profissional

Recrutada a aprendizagem dos vários ofícios numa forma atrai-
tória, não se buscando no moço
operário esta ou aquela aptidão
para determinado mister, disso
tem resultado que a educação pro-
fissional do operário português é,
na regra, muito deficiente, quasi
não existindo. A verdade é que se
não tem procurado que o proleta-
rio alcance o máximo da perfeição,
mas simplesmente aplicado as suas
faculdades produtivas ao intuito
mercantilista da industrial, a quem
interessa mais a abundante produ-
ção de artigos de ruim quali-
dade—porque no mercado exausto
tudo tem colocação—do que o es-
mero do seu acabamento e perfei-
ção. Vistas bem as coisas essa
falta de educação profissional nada
mais é do que uma consequência
do regime capitalista ora domi-
nante, porque se outra organiza-
ção social existisse onde o indivi-
dualismo se não manifestasse tam
egoisticamente, procuraria-se ia
conscientiosamente a vocação do
aprendiz, do operário de amanhã,
para a aplicar a um ramo de indús-
tria onde vantajosamente fosse
utilizada. Não sucede isso e, ex-
cepção feita duma minoria insigni-
ficante, os operários não conhecem
completamente a respectiva pro-
fissão, não sabendo dos aperfei-
çoamentos por que ela passa em
países onde os progressos da me-
cânica e a agudeza das facul-
dades do trabalho, derivados de
uma mais alta mentalidade opera-
ria, sobrepujaram o espírito
ganancioso e mesquinho do capi-
talista.

Dêse provado abastardamento
da dignidade profissional do tra-
balhador—em parte devido ao seu
próprio indiferentismo, a não pos-
suir a curiosidade necessária para
se quer aprofundar dos segre-
dos e cairinhos do ofício—podem
resultar inconvenientes graves
num futuro muito próximo. Sa-
bido o vivo desejo que a todos os
oprimidos devora, de que se de
uma transformação social em que
o poder seja para o produtor, e a
onda da renovação e revolta que,
após a guerra, vem sacudindo
violentamente a velha estrutura
social, de admirar não é que, num
breve, sejam as multidões tra-
balhadoras chamadas ao desempe-
nho dum papel muito mais impor-
tante do que o confiado até en-
tão. Nesso dia talvez próximo, lu-
tar-se há, devido a essa impropria-
ção proletária, com dificuldades
verdadeiramente aterrorizantes, por-
que não nos parece fácil que as
classes a quem ficará incumbida
a mais pesada tarefa do período
revolucionário—a reorganização
da produção em moldes comple-
tamente diversos dos existentes—
aptas estejam para o seu cabal
desempenho, para mais que há a
contar com a hostilidade mais ou
menos acentuada dos técnicos que,
por recebereem uma remuneração

melhor e privarem de perto com
as classes privilegiadas, no
número delas julgam estas inclui-
dos, havendo ainda o inconveniente
do não existir uma propaganda
que entre eles espalhe a luz devi-
da, esclarecendo-os acerca da sua
situação de proletários e como
proletários sujeitos a todos os in-
convenientes da sociedade bur-
guesa.

Lutar-se há com êsse grave pe-
rigo, que pode pôr em risco de
morte a sociedade nascente, e os
esforços de todos os que militam
nos organismos proletários de-
vem ser empregados no sentido
de debelar a ameaça actualmente
existente, para que amanhã, nes-
se amanhã de que podemos es-
perar, não haja mais a separação
separados por curtos anos,
exista uma grande percentagem
de operários conhecedores da com-
plexa engrenagem dos vários ra-
mos da indústria, da forma que
a normalização e aperfeiçoamento
da produção, que agora para nós
reveste um perigo gravíssimo,
dadas as razões apresentadas, tam
facil se torne que confiadamente
possamos entregar-nos aos prepa-
rativos do gesto final de emanci-
pação, sem abrigar no cérebro
o receio da incompetência dos tra-
balhadores para a realização da
obra reconstrutiva que se lhe há
de seguir.

Estabelecida, pois, a necessida-
de absoluta de se tornar num
facto, neste país, a educação pro-
fissional, ofereça-se-nos imediata-
mente que as entidades a quem
compete estabelecer o organizar
essa educação são os sindicatos
corporativos. A geração que ago-
ra entrou nas fábricas e oficinas
será, certamente, a geração revol-
ucionária. Tam inquitadoramen-
te baloia o defeituoso organismo
social, que não são necessários
profetas para que tenhamos por
certo que a estrepitosa derrocada
se aproxima. Esta mocidade de
hoje será, pois, a materia prima
revolucionária. Necessário é, por-
tanto, que comecemos a traba-
lhar.

E aos sindicatos, como aci-
ma dizamos, é a quem cabem tan-
to o pesado encargo. Eles devem lan-
çar-se corajosamente na organiza-
ção de aulas e cursos, sem se dei-
xarem possuir pelo desalento em
face da pouca carreira vencida
por iniciativas semelhantes. Lem-
brem-nos somente, de que é con-
dição essencial, para que resulte
triunfante uma tentativa de reor-
ganização social portuguesa, uma
excelente educação profissional que
os trabalhadores habilite a dispo-
nizar a burguesia e, momentanea-
mente, os seus auxiliares do hoje
na gerência da indústria, da la-
voura e do comércio, até que es-
tas, convencidos da superioridade
dos novos moldes sociais e do seu
dever do proletários perante a
sociedade nova, a sua colabora-
ção voltem a prestar.

Ao sr. Malva do Vale
Governador civil de Coimbra

Um convite de A BATALHA

Excelência:

Alguem da nossa inteira confiança nos assegura que vossa excelência de-
clarou há dias, na presença de alguns operários que a pelicia prendera, cer-
tamente a sua ordem, que «A Batalha para se sustentar recebeu da Polícia de
Segurança do Estado mil e cem escudos».

Mais nos asseguram que como um desses operários, José de Almeida, ti-
vesse apelidado tal afirmação duma repulsa calúnia, contra a qual prote-
tuou indignadamente, vossa excelência manifestou-se na disposição de acom-
panhar o referido operário a Lisboa «para lhe apresentar as provas, isto é,
o pessoal que de mão deu o dinheiro à Batalha», embora «a mesma ocasião ti-
vesse dito que se ele, José de Almeida, divulgasse o caso, seria punido a sua or-
dem».

Excelência:

Trata-se evidentemente duma acusação grave, tam grave que cuja gen-
te, que não a de A Batalha—que não tem por norma chamar entidades estran-
has a resolver questões destas—levaria certamente o caso à barra dos tri-
bunais. Não iremos nós tam longe. Limitam-nos, excelência, em face da sua
terminante afirmação—que foi ouvida também pelos operários Constantino
Cabral, António Tavares, Danton de Carvalho, António Cardoso, Pedro da
Assunção e Américo Veloso—limitam-nos, iam dizendo, a convidar o
sr. Malva do Vale, governador civil do distrito de Coimbra, a
apresentar a prova da acusação que pela forma indicada fez à Bata-
lha.

Podendo ser que vossa excelência não leia habitualmente A Batalha, en-
viamos-lhe do presente número um exemplar registado para que se ciente do
nosso convite.

A redacção de A BATALHA

NÃO APOIADO!

LOCUTÓRIO DUM INSURRECTO

Tratando do pedido de cem contos
recentemente feito no parlamento, pelo
presidente do ministério, com o fito de
auxiliar-se a construção da chamada
«aldeia portuguesa na Flandres», che-
gámos outro dia a concluir que os em-
preendedores daquela construção nem
por sonhos tencionarão edificar, nas
regiões por onde as tropas luzas anda-
ram e morreram, coisa que se assemel-
he a povoação portuguesa, antes se
inclinam, segundo o que temos lido,
por uma qualquer artificialidade irre-
conhecível aos olhos do mais sabido em
aspectos da nossa terra, desde que não
haja sido anteriormente prevenido. Don-
to modo, a iniciativa da famosa edifi-
cação não logrará produzir nada de
bello, onde os olhos dos amantes de
arte descansassem um momento, extasi-
ados de verem de feito as aldeias
portuguesas um cunho próprio de apre-
ciável beleza? E' certo que, por esse
Portugal fóra, não raro se tocam tre-
chos soberbos de paisagem, que um
povoado anima e completa. Há, por
certo, em Portugal aldeias belas. Mas
que há de bello nelas? O conjunto, em
que formam os accidentes do terreno
com a exuberância da vegetação, e até,
vistas de longe, os casabes tresmalha-
dos ou dispostos em fila tortuosa. O
que de mais bello existe na aldeia por-
tuguesa não conseguirão os imaginosos
artistas levá-lo p'rá Flandres. E que
pontos de contacto existirão entre essa
espécie de estância de recreio, em cha-
lês fantasiando estilo antigo, e a genui-
na, verdadeira aldeia portuguesa, com
características próprias que não po-
derão conservar-se na macaqueação da
Flandres? Razões de sobejo são estas
para que merecesse o nosso mais com-
pleto desinteresse a infeliz idea dos ar-
tistas nossos compatriotas. E só desin-
teresse mereceria se não merecesse tam-
bem protesto sério por estar em pro-
jectos um rombo de cem contos nos co-
fres a que é de uso chamar públicos, cem
contos arrancados à miséria duma popu-
lação que não tem de comer nem onde
morar, todo esse dinheiro destinado a
edificações que a ninguém aproveitam,
e só para regalo de ricações ou fama de va-
didos poderão servir. Maluqueiras ou ex-
travagâncias do género da aldeia na Fland-
res quem as concebe e quem realiza—pa-
ga-as à sua custa ou abre subscrição
entre os amigos. Gastar o Estado cem
e ntos em casas no estrangeiro, quando
nesses bairros centenários, o povo se
empilha e asfixia, não pode ser. Pen-
sem noutra coisa os artistas portu-
gueses. Os artistas portugueses... Não,
decididamente, não era assim que nós
os sonhámos.

—Há, na orga-
nização operária,
certas práticas que
urge serem modifi-
cadas, preconizadas
que necessitam
ser combatidas.
—Por exemplo...
—A preocupação de que estejam
representadas em qualquer comissão que
se nomeie, todas as profissões.
—Ah! Pois claro. Assim é que deve
ser.
—Mas deve ser, porque?
—Porque sim.
—Esse «porque sim» não é razão con-
vincente. Eu concordo que quando se
trate de fazer agitar todo o operariado
em volta dum determinado assunto,
quando se precise de interesse toda a
classe trabalhadora por uma determina-
da questão, da comissão encarregada
de promover essa agitação, de despar-
tar esse interesse geral, devem partici-
par elementos de todos os organismos
corporativos. Mas já não compreendo,
e julgo até prejudicial, que, para a no-
meação de uma comissão de estudo, de
uma comissão especialmente encarrega-
da de estudar um determinado proble-
ma, haja a preocupação de que dela fa-
ça parte um elemento de cada profis-
são.
—Como querias tu então que fosse?
—O que se deve considerar na esco-
lha dos indivíduos que hão-de consti-
tuir essas comissões de estudo, é a com-
petência desses indivíduos, o substão
valioso que elles podem levar à boa so-
lução que se pretende encontrar para a
questão a estudar.
—Mas como fazer então?
—Não nos preocuparmos com a re-
presentação das classes mas com a com-
petência dos indivíduos a nomear, pro-
curando escolher quem tivesse conheci-
mentos do assunto sem se preocupar com
a classe que representaria.
—Mas há nisso um inconveniente. A
assembleia poderia desconhecer quais os
elementos que teriam conhecimentos es-
peciais sobre o assunto.
—Esse inconveniente seria removido
se em vez dessas comissões de estudo
serem nomeadas pela assembleia, fossem
constituídas por oferecimento espontâ-
neo dos indivíduos. Quem orienta-se
os trabalhos dirigis-se ia assim à
assembleia: «São precisos cinco camara-
das para estudar a questão... al. Quem se
julgar com vontade de trabalhar e quem
tenha conhecimento sobre o assunto, po-
dendo assim concorrer para o bom re-
sultado desse estudo, faça o favor de se
oferecer».
—Mas isso não pode ser. Você sabe
lê! Se assim se fizesse as outras classes
ficariam melindradas, julgando-se des-
consideradas.
—Mas isso é um preconceito que é
preciso atacar, camarada!

O voto às mulheres
A minoria parlamen-
tar socialista vai em
breve apresentar à câmara
dos deputados um pro-
jecto de lei concedendo o voto às mu-
lheres, dando direito de eleitorais às que
tenham exame de instrução primária e
só podendo ser elegíveis as que tenham
um curso especial.
Não haverá que felicitar as mulheres
se tão subida honra lhes for conferida.

MÚSICA
Orquestra Sinfónica de Lisboa
Prosegue a série dos admiráveis con-
certos sinfónicos no Politeama. O de
domingo (5.º de assinatura), tem um
programa escolhido e que muito há-de
servir para evidenciar os méritos dos
professores da Orquestra Sinfónica de
Lisboa e do seu talentoso regente sr.
Viana da Mota, de resto já de há muito
patenteado. A primeira parte é consti-
tuída pela 4.ª sinfonia de Beethoven, na
segunda e em primeira audição ser ex-
ecutadas *Valsa de Mefisto*, de Liszt e
na 3.ª obras primas de Wagner.

OS AUTOMOVEIS
**A mãe dum atropelado apresenta
queixa à policia**
A sr.ª Ana da Conceição Santos, rua
dos Fanqueiros, 135, 4.º, apresentou
uma queixa na policia contra o chauffeur
do automóvel n.º 881, cujo nome e
morada ignora, por na rua de S. Ni-
colau ter atropelado seu filho de 14
anos, Alvaro dos Santos, que teve de
recolher à enfermaria de Santo António
do hospital de S. José, por apresentar
fractura numa perna.
A policia da 3.ª secção está investi-
gando, afim de procurar, o referido
chauffeur.

**Provenimos os nossos es-
timáveis agentes de que de-
vem fazer a liquidação dos
seus débitos até ao dia 10
do corrente mês, a fim de
não sofrerem interrupção
no envio das remessas.**
A Administração.

Notas e Comentários

As vantagens que advirão de haver vo-
zes femininas a fazer coro no desafia-
dissimo orfeon parlamentar, não serão
nenhumas para a colectividade. O facto
do sexo feminino ter elementos seus no
parlamento será para elle tão vantajoso
como o tem sido para a classe trabalha-
dora o ter lá elementos operários.
«O operário convertido em eleitor
nunca viu diminuir o peso que o opri-
me nem reduzir-se a exploração de que
é vítima como produtor, como consu-
midor e como contribuinte em sangue
ou em dinheiro», disse alguns Júpiter
ou em dinheiro». O mesmo sucederá à mulher.
No entanto, gostaríamos de as ver
em esmagadora maioria no parlamento.
Só para ver o que diria a carneirada
eleitora, masculina se elas aprovassem
uma lei conferindo direitos de eleitores
só aos homens que tivessem exame de
instrução primária, e de serem elegíveis
só aos que tivessem um curso superior.
Nunca mais os srs. António Pereira,
Augusto Dias da Silva ou Campos Melo
seriam deputados. Nem mesmo, talvez,
eleitores podessem ser!

Que é então o jingoísmo?
«Que é, com effeito, o jingoísmo, isto é, o
nacionalismo, o imperialismo, o imperia-
lismo, o imperialismo, o imperialismo»
mo britânico, depois da conferencia
feita em Londres por um tal sr. Garri-
son.

Para o conferente, «há razões Divinas
e fáceis explicações para o facto de es-
tarmos as chaves e portas do mundo nas
mãos da raça anglo-saxónica». Assim, os
ingleses não se apoderaram de Gibrar-
tar e do Egipto; foi Nosso Senhor que
lhes deu isso.
E para quê? Ora! para cumprir a mis-
são divina, que todos os imperialistas
cândidos... ou astutos julgam confiada
ao seu país: «para levar a luz e a civi-
lização (os pangermanistas diziam a
«cultura»), o cristianismo, o bom gover-
no, a liberdade, a igualdade dentro de
certos limites (dentro de certos limites,
é muito boa), e uma larga medida de
fraternidade aos lugares escuros da ter-
ra». Levando a esses sítios coisas tam
boas, é desculpável que na bagagem vá
também o alcool, a chibata, a bala ex-
plosiva, a exploração desalmada do tra-
balho.
Garrison entende que, se «era tido
como uma glória ser cidadão da antiga
Roma, quanto maior privilégio, honra e
glória não é ser cidadão do Império
Britânico, o mais vasto e o mais livre
de quantos teem existido».
E dito isto, o orador pedia aos cir-
cunstantes acreditarem-se que nele não
havia o menor vestigio de jingoísmo!
Rai's o partim, palavra de honra!

Para fechar Num baile, em casa de
gente rica e de bons con-
servadores:
—Mas então, minha senhora, jámais
quererá ser minha?
—Como quer que lhe pertença, se
sou casada.
—Bem sei; mas sei também que é in-
feliz com seu marido...
—Espere então que me divorcie. De-
pois substituirá meu marido.
—Infelizmente, os meus princípios
religiosos impedem-me de aproveitar
uma lei tam imoral!

A BATALHA em perigo

Do camarada M. Tavares recebemos
uma nobre carta sobre os perigos que
ameaçam o órgão oficial da imprensa da
organização operária, do teor seguinte:
Camarada—Seria bastante para lastimar
que no momento em que em todo o mundo
as classes trabalhadoras se unem e man-
ifestam para conquistar o que de direito lhes
pertence, a nossa querida Batalha deixasse
de existir, daquelas que por dever teem de
existir.
Creio, camarada, que se todos nós fize-
mos um pequeno esforço A Batalha ainda
desta vez, não deixará de circular.
Por minha parte, contribuirei com uma
cota de 50 centavos mensais, que junto en-
viu.

Rescaldo da guerra
Um «ultimatum» à Roménia
PARIS, 3.—O conselho supremo con-
cedeu ao governo romeno um novo
prazo de 6 dias de 2 a 8, para respon-
der aos pontos que o conselho lhe apre-
sentou: 1.ª aceitação das fronteiras li-
xadas, 2.ª assinatura do tratado da paz
com a Austria, 3.ª Regularização da si-
tuação com a Hungria.—H.

Os eleitores municipais em Paris
Eleição de 20 socialistas
PARIS, 7.—O segundo escrutínio das
eleições municipais da cidade de Paris
mantem definitivamente a antiga ma-
ioria do conselho municipal que ganha
três lugares. Vinte socialistas foram
eleitos, ganhando cinco lugares sobre
os socialistas independentes e dissiden-
tes.—H.

**Sindicato Unico da Indústria
Mobiliária**
Afim de principiar a discussão do
projecto dos estatutos deste sindicato,
reine hoje, às 20 horas, a comissão or-
ganizadora com a presença de todos os
delegados.
A comissão externa e de aproxima-
ção deverá apresentar o resultado dos
seus trabalhos, para serem apreciados,
lembrando-se aos delegados dos Cestei-
ros a sua comparência, com o inquérito
feito à sua especialidade.

RIVALIDADES ENTRE ALIADOS

Manejos e intrigas no Oriente

O *Daily Herald* insere uma carta do
seu enviado em Berlim, Felipe Price,
datada de 25 de Novembro, com reve-
lações que lançam muita luz sobre cer-
tos acontecimentos do Oriente europeu.
Eis a interessantíssima correspondên-
cia:
«Dos Estados Bálticos chega-nos a no-
ticia de que a Divisão de Ferro alemã e
mais alguns destacamentos estão reti-
rando para a fronteira da Prússia
Oriental. Segundo os comunicados ofi-
ciais, Bermond submete-se ao co-
mando do general alemão Eberhardt.
Se isto significa que a aventura alemã
no Báltico está enfim liquidada, é cedo
para o dizer.
Muito dependerá da acção da Co-
missão interaliada. Muitos são os indi-
cios de que o governo francês está fa-
zendo no Oriente uma politica, que não
está em harmonia com a dos ingleses.
O simples facto de ser o sr. Noulens
o representante da França na Polónia é
significativo. Este homem, que tem for-
tes ligações na Bolsa de Paris, foi um
dos primeiros promotores da interven-
ção dos Aliados na Rússia. A sua pre-
sença em Varsóvia pode ser tomada
como significando que o Governo fran-
cês continua a trabalhar para estabele-
cer uma grande frente anti-bolchevista
do Báltico ao Mar Negro e uma união
entre Dénikin e a Polónia Maior, com
supressão dos movimentos nacionais na
Ucrânia, Galícia Oriental e regiões
Bálticas. Esta versão é ainda corrobora-
da pelo facto, garantido por infor-
madores dignos de crédito, de Nissel,
comissário francês no Báltico, andar a
manobrar para reter ali as tropas ale-
mãs, com a condição de ficarem sob o
comando directo dos Aliados e de avan-
çarem contra os bolcheviques.

**Os precários Estados
Bálticos**
Uma coisa há clara—e é que dos
Aliados só o Governo Britânico é que
apoia activamente os Estados Bálticos
contra os reacçãoários russo-alemães.
Isto, porém, não parece ser por amor
por esses Estados, mas por causa das
oportunidades que esta politica pro-
porciona de obter o domínio das ilhas
de Dago e Moonsund.
A politica dos franceses no Báltico e

o seu namoro com os imperialistas ale-
mães ali, tudo indica o clímax contra as
pretenções britânicas nestas regiões.
Rivalidades na Asia Menor
Tudo isso se coaduna com o que su-
cede noutros pontos do Oriente.
Primeiro, há uma rivalidade anglo-
francesa na Síria.
Segundo, Dénikin opõe-se ao acôrdo
anglo-persa e mantém os velhos direitos
tsaristas sobre o Oriente Médio, confor-
me as antigas convenções anglo-russas,
e a França apoia Dénikin nesta questão.
Terceiro, sei de origem turca segura,
aqui, que houve negociações entre os
Jovens Turcos e negociantes france-
ses, com o fim de proteger a Turquia
contra os projectos anglo-americanos
de partilha.
A politica francesa no Oriente pare-
ce, portanto, visar, em primeiro lugar,
a contrariar os planos de extensão da
influência britânica na Asia; em segun-
do lugar, ao restabelecimento da velha
Rússia tsarista e à supressão de todos os
pequenos Estados que podem servir de
unha-de-gato à Inglaterra.

As ambições da França
Para levar a cabo estes projectos, a
França parece estar tentando criar al-
gumas bases de apoio no Oriente.
No extremo sul, serve-se dos Jovens
Turcos. Na Rússia Meridional, a França
procura utilizar Dénikin. Na Polónia,
Noulens esforça-se por levar a Polónia
a não concluir a paz com os bolchevi-
ques. No Báltico, Nissel, por intermê-
dio de Bermond e Eberhardt, está em
contacto com Ludendorff e alguns ge-
nerais russos, procurando os meios de
obter o apoio dos canhões alemães nes-
tas regiões.
A realização destes projectos, caso se
de, fará da burguesia francesa a Polé-
cia dominante do Continente europeu,
com o domínio sobre as minas de car-
vão polacas, o petróleo galicano, a lu-
lha, o ferro e os cereais da Rússia Me-
ridional, com um interesse predomina-
nte na Turquia e na Pérsia, e por meio
de tsaristas como Dénikin, com a supe-
rintendência das «janelas» bálticas da
Rússia sobre a Europa Occidental.

Tais são os motivos «idealistas» das
guerras, e os da paz imposta, e os da
partilha do bôto...

Na "bárbara" Rússia

**Como procede a Civilização Bur-
guesa—Como procede a Civi-
lização Operária**
Na Europa e nas outras partes do
mundo onde domina a infame religião
capitalista, onde os «civilizados» man-
têm a infâmia lei do salário, tubercul-
sam-se milhões de desgraçados pela
fome; na Rússia, parte da Europa onde
o povo instituiu uma justiça social, onde
se constituiu um governo de «bárbaros»,
os alimentos são repartidos com equi-
dade pelas populações...

Na Europa, onde se estabelece uma bri-
lhante «civilização», precisam muitas
desgraçadas de se prostituir para co-
mer e para se vestirem; na Rússia,
onde o povo é, no dizer acanhado dos
bandidos, «a fera indomável», desaparece
a prostituição como por en-
canto...

No mundo burguês e capitalista
vem-se pelas ruas, vagueando como
cães vadios, milhares de crianças sem
amparo, famintas, rôtas e ignorantes,
atendendo o «humanismo» dos biltres
que entendem estar o mundo muitobem
constituído; na Rússia dos «bárbaros»,
pelo contrario, diligenciam os bolchevi-
ques proteger a infância, criando-lhes
encontradas repúblicas onde as inocen-
tes florinhas humanas são eficazmente
protegidas de todos os modos.

No mundo burguês e capitalista difi-
cultase a instrução popular, com re-
ceio de que o povo, senhor dos seus
destinos, possa constituir a sociedade
feliz anunciada pelos sábios. Isto, no-
te-se bem, passa-se nas nações onde os
«beneméritos» industriais e os «ilustres»
financieiros dão as cartas; pelo contra-
rio, na Rússia «selvagem», os comissá-
rios do povo fazem edições baratas dos
livros mais célebres, tendo em mira o
desenvolvimento intelectual do opera-
rio...

Nas nações «progressivas» onde a
«burra» tem adoradores entusiastas,
criam-se crises de trabalho para se ele-
var os preços dos produtos; na Rússia
dos «monstros» como Lenine e
Trótsky, todos os vândalos são obrigados
a produzir, tendo assim direito à ali-
mentação, ao vestuário e à satisfação
doutas necessidades.
Operários dignos! Homens conscien-
tes! Proletários que queira a Justiça!
Corações generosos que amais a Hu-
manidade! Vamos todos, todos a uma,
com pensamentos, com palavras e obras
em defesa do simpático povo russo,
povo de mártires, povo de heróis, povo
de crentes na salvação da Humanidade!
Que o tépido e brilhante sol que des-
ponta na Rússia possa dentro em pouco
iluminar todo o mundo que agoniza nas
garras pútridas de sanguinárias lienas!...

Gonçalves CORRÊA.
(Operário sindicalizado)

O ministerio vai-se?
Corria ontem com insistência que em
breves dias se dará uma crise total do
ministério.

LER NA 3.ª PAGINA:
O folhetim de «A Batalha»
TERRA LIVRE por Jean Grave

PELA POLITICA

Não há governos melhores que os outros: é só onde há maior soma de iniciativa e de solidariedade, onde o povo sabe usar e defender as suas conquistas positivas, que estas são respeitadas. — Neno Vasco.

No palco parlamentar

O horário de trabalho nos teatros

O deputado sr. Orlando Marçal, falando em nome dos artistas de teatro, reclamou, no parlamento, o respeito pelas leis do descanso semanal e do horário de trabalho, que foi desrespeitado pelo sr. governador civil do Porto. Formou-se sobre este assunto as seguintes perguntas ao ministro do trabalho:

— Está em vigor e observância a lei de descanso semanal?

— Pode saber-se em que dia é o descanso do pessoal das casas de espetáculo?

— Se trabalhar no dia oficial de descanso, é esse dia pago pelo dobro do salário?

— Qual é a entidade burocrática responsável pelo fim cumprimento das leis de descanso e horário de trabalho?

— Essa entidade fiscaliza por iniciativa própria, ou procede apenas em virtude de queixas dos lesados?

— Qual a importância das multas arrecadadas pelo Estado ou em litígio, pelo não cumprimento destas leis?

O ministro do trabalho respondeu ao sr. Orlando Marçal dizendo que o horário e o descanso estão em vigor, embora haja por vezes quem prevarique. Quanto às perguntas concretas formuladas, respondeu afirmativamente à primeira pergunta. A segunda respondeu que aos domingos, a terceira não deu resposta. A quarta que o inspector do descanso semanal do ministério do trabalho. A quinta que o inspector fiscaliza quer por iniciativa própria, quer em virtude de queixas. A sexta e última que era impossível dizê-lo porque os tribunais nunca dão a relação completa do que julgam.

O ministério apania mais um bote mas mantém-se sempre em pé

O deputado sr. Pais Rovisco disse que o chefe do governo afirmou na câmara que logo que o ministério tivesse uma indicação clara de que o país não estava satisfeito com a sua obra, imediatamente se iria embora. Chegou esse momento. A opinião pública claramente está demonstrando ao governo que se está embora; ao parlamento um voto de confiança. Diz que o governo só abandonará, ao que parece, as cadeiras do poder, quando ouvir os canhões da Rotunda. Chegou o momento do sr. presidente do misterio falar claro. E' preciso dizer à câmara, em sessão pública ou secreta, quais os elementos com que o governo conta para se defender.

Falou o deputado mais ninguém lhe respondeu.

O sempre em pé continua na mesma posição.

Cada povo tem o governo que merece. Ora num país de mandriões e de parvos que melhor governo que um governo parafusado, de empates e de conselheiros Acácios?

Bairros Sociais

O ministro do trabalho apresentou uma proposta de lei criando um Bairro Social em Lisboa, e outro no Porto, ficando para isso o governo autorizado a contrair um empréstimo de 5.000 contos para construir 3.000 casas que serão distribuídas pelas regiões mais necessitadas.

Arroz queimado...

O sr. Brito Camacho concluiu ontem a sua interpelação sobre o negócio do arroz. Pelas conclusões a que o interpellante chegou, parece não ter havido roubo mas desleixo e incompetência da nossa administração pública. Graças a esse desleixo e a essa incompetência, o arroz, armazenado em Valência, em parte, espera ser transportado para Lisboa.

Isto foi o que disse o sr. Brito Camacho. Mas o debate vai ser generalizado e muitos deputados vão falar sobre o assunto. Veremos o que eles dizem.

Falta de interesse

Como se vê, pouco interessante foi a sessão de ontem. Não admira: o sr. Sá Cardoso não proferiu nenhum discurso...

Contra os senhorios gananciosos

Sobre um protesto

Procurar-nos há dias o sr. Alberto Bento Gonçalves, operário que trabalha na oficina de carpinteiros de branco do Arsenal de Marinha, onde tem o número 355, o qual tendo sido atingido num protesto que a Batalha publicou em 6 do corrente, sob a epígrafe Atitude nobre de dois operários, veio declarar-nos que parte desse protesto peca por menos exacto.

Em face de tal contestação, convidamos a vir a esta oficina, como é nosso costume, os informadores e o acusado. Ouvimos-lhe ontem e da discussão produzida até nós, verificamos que peca por fundamento a parte do protesto que atribua ao sr. Gonçalves a intenção de pôr fora do seu prédio os inquilinos por não quererem satisfazer renda mais elevada, embora subista a acusação de ter tirado as telhas, portas e janelas, o que o sr. Gonçalves lealmente confessou, embora haja tido a franqueza de declarar que errou procedendo assim.

Solidariedade Operária

Do camarada Abel Pereira de Araújo, receberam os operários Joaquim Gonçalves e Americo Vilela, presos no Limoeiro, a quantia de 3\$790, produto de uma quete aberta no Liceu Pedro Nunes.

Artur Pinho Alonso e Arsenio Filipe, receberam as seguintes quantias, que dividiram em partes iguais:

Obra do quartel dos Marinheiros, 5\$800; obra particular, 1\$100; obra particular, 4\$900; total, 11\$900.

A arte e os artistas

Uma carta do artista Leitão de Barros

A propósito da critica inserta na *Batalha* de 4 do corrente, na nossa secção *A arte e os artistas*, recebemos uma carta do artista sr. Leitão de Barros, que actualmente expõe na Sociedade Nacional de Belas Artes, carta que por ser interessante publicamos a seguir, e não só por isso, mas também como manifestação da lealdade que costumamos imprimir aos nossos escritos.

Lisboa, 7 de Dezembro de 1919. — Meu caro sr. M. D. — Permite-me que em primeiro lugar lhe agradeça a sua crítica a meu respeito publicada na *Batalha* do dia 4. Obrigado. As suas palavras têm um cunho de sinceridade que me agradou e entre elas e uns certos elogios, não hesitaria em aceitar preferências. E' justamente por que vim fazer bem com a sua salutar critica que eu lhe escrevo estas palavras, julgando também de algum modo fazer-lhe bem com elas. As palavras que escreveu, irritaram-me mais a si do que a mim, por isso eu não quero tirar de cima dos seus ombros a preocupação que as determinou, e dizer-lhe claramente, para que v. transmita aos leitores matutinos da *Batalha*, que cotidianamente a recebem sôfregos, como a esmola moral duma Sãidã Sagrada, que não é certo que sobre esta terra, afeito do mesmo sol que eles, fortalecido pela vitória das mesmas dificuldades, tenha nascido mais um homem, incapaz de ser o artista de ser — por natureza — o artista de ser. Eu sou povo, e unicamente povo. Os artistas verdadeiros, por muito requintados e aristocráticos, para serem humanos, têm que ser fundamentalmente povo. As *ditas* criaturas só aparecem quando os povos justificam a opinião a sua existência. A fórmula humana é povo. O resto... uma bruma indecisa de convenções, esfumadas, diluídas, anónimas.

Que podem, pois, interessar, mais que aos dois minutos de *spleen*, que todos temos, os esmaltes dourados de *Queluz*, as fôfias poltronas, os *abat-jours* vermelhos, que tanto o irritam, amigo e sr. M. D. na sua critica do dia 4. Nada. Todos os outros momentos da vida, além desses rasos minutos de *spleen*, ficam para as emoções fortes e salutaras, vividas, actuais, novas. Quem me interessa, além dos trabalhadores, dos rudes proletários confiantes e bons, dos generosos combatentes de todas as horas? Que outro nervo vital, que não esse, se pode encontrar nas Sociedades de hoje? Como quer o exigente e consciencioso sr. M. D. que um rapaz de 23 anos, português, poeta, passivo, amoroso, contemplativo e generoso, não sinta com claridade a alma do povo, com claridade não transmita, confiante, aos que dele se vão esquecendo, *O cavalo 2001*, a dolorosa caricatura que o fez sorrir, através do cristalino monóculo da sua critica?

Poderia ter sido atropelado pela técnica — não o foi certamente pela concepção criadora. A fórmula e balbuciantes mancha encerra um drama vulgar e profundo. Se eu um dia renunciasse a emoção que a faz uma técnica que satisfizesse o sr. M. D. eu quero dizer (e tenho dados para isso!) que o sr. M. D., *malgré tout*, embaciaria com uma

boa lágrima romântica a cristalina transparência do seu monóculo... E' que o sr. M. D., português e bom, não hesitaria, como eu não hesito, a dor humana da pobre ovarinha, que de chale e lenço preto, passava ao sol de Agosto, um dia inteiro — um domingo de luz pesada e trágica — junto ao colar do prometido — um marítimo de 18 anos, como ela rude, e como ela bom. E quando, ao fim da tarde, já seca, meia morta da poeira e do calor, eu a quize fixar com as minhas tintas, era tam pesada já a sua expressão, tam viro e tam indifferente o seu olhar, que a pobre mancha de *caval 2001*, resultou para o sr. M. D. a mais dolorosa das caricaturas... O *pálido* artista, de *badine* e de *lucas*, que para o sr. M. D., não saia do ambiente reservado do seu gabinete de trabalho, e produzia a sua arte no calor confortável das suas chavenas de chá e no fumo das suas enebriantes *Ladies*, *cigarettes*, é o mais rude dos proletários, o mais humano e o mais simples dos artistas; e se o sr. M. D. se desse ao trabalho de acompanhá-lo nas suas peregrinações ao seio do povo, se quizesse vir respirar com ele o fresco das manhas de inverno pelas docas do aterro, sentir toda a sugestão sagrada de trabalho que emana daquele *brouhaha* confuso das descargas do peixe e do carvão, o sr. M. D., eu tenho a certeza disso, iria contente dizer aos leitores da *Batalha*, que o povo tinha mais um artista, que junto dele mais um coração batia, mais uma alma vibrava — alma e coração para ensinar-lhe o que só pelo sentimento se ensina. — De v., etc. — Leitão de Barros.

Efectivamente, a carta que o sr. Leitão de Barros teve a amabilidade de nos dirigir é, para nós, bastante salutar. Alegria-nos em extremo saber que o sr. Barros sente e compreende a alma do povo. Porém, o que nós, povo, não temos obrigação de saber — porque não possuímos o condão de adivinhar, mas apenas deduzimos — é que o sr. Barros tenha todos esses generosos sentimentos guardados a um canifinho do seu cérebro. Um artista comunica com as multidões por este único meio — a arte que produz. O sr. Barros veio a público, anunciou os seus trabalhos e nós nada mais vamos conhecer, acedendo ao seu convite, do que o seu temperamento, as suas ideias através da sua obra.

Fomos e vimos exactamente o que na primeira critica dissemos. A obra do sr. Leitão de Barros não mudou com esta carta. Lá está ainda patente ao público que julgamos, não poderia modificar a sua opinião se não lesse a agradabilíssima prosa do seu autor.

Oxalá é a lei, a medite e a grave bem na sua memória para, no caso de nas futuras exposições encontrar o mesmo género de arte, não volte a acedendo a sua opinião se não lesse a agradabilíssima prosa do seu autor.

E' ainda um dever nosso, visto que o sr. Barros o afirma, e nós não confiamos, retirar a frase com o que os acusávamos de pintar no seu gabinete de trabalho. No entanto o que sustentamos ainda é que, embora assim não seja, a paisagem do sr. Barros nos dá essa ilusão.

M. D.

As greves

Profissionais culinários

Não é fácil de descrever o entusiasmo com que foi acolhida a declaração da greve geral desta classe, que, insperante por largos anos a ignóbil exploração patronal, soube agora, perante a lei que estabeleceu o regime máximo de 8 horas de trabalho, impor ao patronato o cumprimento duma regra que lhe pretendem cercar, e já adquirida pelo operariado doutras especialidades.

Portém, o patronato que no período calamitoso da guerra, a sombra da mesma, fez fabulosas fortunas elevando o preço às raias do escandaloso, perante o *decreto burla* em que pretendia considerar os culinários como domésticos, mas posteriormente derogado por um regulamento considerando-os industriais não quer ceder.

Pondo de parte o valor da lei feita por criaturas dum campo diametralmente oposto aos culinários, estes considerando-se com o direito às 8 horas, confiam na forte união da classe, a suficiente arma para derrubar a teimosia patronal.

As comissões de vigilância constam a paralisar as principais casas de Lisboa, hotéis, clubs, etc., tudo indicando a aproximação da solução do conflito com honra para esta classe.

O comité da greve continua orientando o movimento, não se responsabilizando esta Associação por algum acto desagradável de qualquer espirito exaltado, consequência natural da irreducibilidade patronal.

Ontem reunido o comité, apreciando a local do *Seculo* em que os empregados de hotéis e restaurantes, declaram que no ultimo sábado elementos estranhos à classe impediram o funcionamento da sua assembleia, responsabilizando os culinários pelos desacatos na sede, este comité torna publico ser falsa esta informação, porquanto, desacatos não houve, mas apenas um unisono protesto dos culinários contra os criados de mesa, que na sessão anterior se tinham comprometido a secundar o seu movimento, perfilhando as suas reclamações, acodiando culinários e criados de mesa num movimento conjunto, negando-se estes, depois de capciosamente os patrões lhes satisfizerem as reclamações a cumprir com os compromissos tomados, traindo assim um acordo estabelecido.

A classe que se encontra em sessão permanente reúne hoje às 15 horas.

Operários Manipuladores de Fósforos

Devido ao castigo de dois operários — um deles da comissão de melhoramentos do respectivo sindicato — da Companhia dos Fósforos, declarou-se ontem em greve os operários extraordinários, ficando o pessoal do quadro

A BATALHA

As 8 horas de trabalho

Na Companhia Portuguesa de Higiene

Veu a esta redacção uma comissão dos operários e operárias que trabalham na Companhia Portuguesa de Higiene, que se declararam em greve por lhes negarem o dia de 8 horas e pretendem abater aos salários do pessoal masculino \$25 e aos do pessoal feminino 10. Ve-se bem que aquela Companhia não está satisfeita com a monstruosa percentagem que auferem na venda de medicamentos, pois produtos há em que as farmácias têm 500 0/0 de lucro. A Companhia Portuguesa de Higiene pretende ainda que o pessoal trabalhe à hora que ela quizer e que os serões não tenham qualquer remuneração extraordinária. A referida comissão procurou também a U. S. O. e a Associação dos Empregados de Farmácia, a fim de tratar deste conflito.

No atelier Lopes de Sequeira

Neste atelier continua a não respeitar-se a lei. Julgará o sr. Sequeira ter feito um rasgo humanitário passando a dar 9 horas de trabalho às costureiras do seu atelier? Engana-se porque o horário de trabalho é de 8 horas e, devido à incúria das referidas costureiras, é que trabalham as 9.

Era tempo de sobre para esta classe despertar um pouco, porque se há classes que se ressentem da carência da vida, esta é uma delas.

NA PROVINCIA

O comércio contra a lei

ALMADA, 2. — C. — Pela autoridade administrativa foi afixada uma edital intimando a que fosse dado cumprimento à lei das oito horas de trabalho, mas o honrado comércio pôs-se em campo para que tal horário não seja respeitado, tendo para isso reunido na Associação Commercial e nomeado uma comissão para ir junto do administrador, com os seus jogos malabares, tentar impor um regulamento a seu belo prazer, o que, no fim de contas, não é outra coisa que um perfeito conto do vigário, com o qual pretendem burlar os escravos que tem debaixo das suas garras.

ALMADA, 2. — Os empregados no comércio de Almada não gosam da regalia das 8 horas de trabalho, continuando a trabalhar 10 horas e mais. Não existe fiscalização alguma e as autoridades não fazem cumprir a lei com lhes compete e para provarem que acatam os decretos de regime que servem. Aquelles camaradas protestam contra tal facto, reclamando o auxilio da respectiva associação de classe para que a lei se faça cumprir.

O operariado quer cumprir a lei

BRAGA, 6. — Reuniram-se anteontem na sede da construção civil desta cidade, os delegados dos sindicatos operários que compõem a União Local dos Sindicatos, cuja organização, desta vez, parece ser um facto. Que o operariado não deixe um organismo tam útil que necessário é nesta cidade, onde o movimento proletário muito tem deixado a desejar nestes últimos tempos.

Nessa reunião foi dada conta da *demarche* efectuada junto do commissário de policia, relativamente ao cumprimento da lei das 8 horas, sendo resolvido, por indicação daquela autoridade, a União estabelecer um horário certo e igual para todas as classes, que será depois afixado em edital, o que tornará mais fácil o cumprimento da cidade lei, devido a que, actualmente, são diversos os horários adoptados.

A lei continua a ser desrespeitada

GUIMARÃES, 6. — C. — A que emfim já conseguiram ver publicados os editais chamando a atenção do publico para o cumprimento da lei que estabelece o regime de 8 horas de trabalho no comércio e industria.

Mas tão depressa foram applicados nos lugares do costume como foram immediatamente arrancados por ordem daqueles a quem o caso não convém.

E' este o respeito que os regulos cá da terra têm pela autoridade tal qual como os senhores do comércio e da industria têm manifestado ao governo.

Foram nomeados fiscaes em diversas classes para a fiscalização do horário nas suas industrias, tendo alguns já intervido em vários estabelecimentos onde se não cumpria a lei.

Deu-se o caso de dois fiscaes da industria de alfaiataria, terem chamado a atenção para o seu cumprimento em três estabelecimentos, mas não foram respeitados como mereciam, chegando a ponto de serem insultados por um desses industriais, chamado Jacinto José Ribeiro, filho de um outro industrial do mesmo género, o qual reclamou apressadamente a intervenção dos fiscaes para a casa do pai, dirigindo-se para as proximidades da sua porta.

Mas o que é mais revoltante é que os seus empregados, esquecidos da sua dignidade, e porque também já não se lembravam da pressão do seu verga, a quem eles temem como se fosse o soberano, não puzeram dúvidas em o defender, e continuaram com a sua infâmia da autoridade, e não se lembrando que os seus camaradas mais uma vez lhes defendiam os seus interesses.

Que ignorância a daqueles amarelos!...

O tempo vai passando, e não há meio de meter esta gente na ordem; as autoridades não se mexem; não se trata de outra coisa senão paliativos.

E ainda a gente não há-de dizer que esta lei é uma burla?

Nas Cooperativas dos Carpinteiros e Pintores do Porto

A propósito duma carta que neste jornal publicamos de dois camaradas da construção civil que agora trabalham no Porto, e em que eram acusadas as Cooperativas de Carpinteiros e Pintores de não respeitarem o horário das 8 horas, escreve-nos José da Costa Pereira, na qualidade de encarregado dessas oficinas, dizendo-nos que se trabalha ali, efectivamente, horas extraordinárias, mas que são pagas com o extraordinário estabelecido no regulamento à lei.

Trabalhadores lêde e propagai

Trabalhadores lêde e propagai

Trabalhadores lêde e propagai

Trabalhadores lêde e propagai

Trabalhadores lêde e propagai

Trabalhadores lêde e propagai

Trabalhadores lêde e propagai

Trabalhadores lêde e propagai

Trabalhadores lêde e propagai

Theatro São Luiz

A revista *O pé de mole*
Com o novo acto *O Reio*
Se o pé de mole (poderal)
De três assobios era
Vão pôlo assobio artilheiro!
Com essa acção do Reio,
E' do mais mal assobio,
Em vez de três é de quatro!

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

União dos Sindicatos Operários.

— A comissão administrativa, que ontem reuniu, ocupou-se de diverso expediente e entre elle um officio do sindicato culinário e artes correlativas, e dos inscritos marítimos dando conta do seu movimento. Registou a adesão da Associação de Classe dos Manipuladores de Tecidos. Ocupou-se ainda do movimento pró-inquilinato, dando a comissão nomeada pela assembleia de delegados conta dos trabalhos realizados e a realizar.

Lembra mais uma vez esta comissão aos sindicatos que ainda não contribuíram com a importância de 2 escudos para ajuda das despesas com o mesmo movimento a efectuar, que o façam o mais rapidamente possível. A comissão está elaborando uma circular para distribuir a todos os sindicatos de Lisboa, para uma reunião das respectivas direcções que terá lugar em dia muito próximo, para se acordar sobre a nova estrutura que este organismo vai tomar de Janeiro em diante.

Cortadores. — Os corpos gerentes apreciarão a nova organização sindical das classes das carnes, estando presentes delegados da U. S. O. e dos Operários do Município. Depois de muito debattido o assunto, foi aprovada em principio a nova organização sindical.

Pedreiros em Portugal. — Reuniu este sindicato para discutir os estatutos e seu respectivo regulamento do Sindicato Unico que foi aprovado.

Pessoal Menor dos Liceus de Portugal. — A direcção desta colectividade procurou no ministério das finanças, sr. Macedo e Brito, membro da subcomissão de equiparação dos vencimentos, com quem conferenciou largamente sobre a marcha dos trabalhos na parte que se refere a esta classe. Esse funcionario mais uma vez prometeu salvaguardar as aspirações da classe.

CONVOCAÇÕES

União dos Sindicatos Operários.

— A assembleia de delegados reúne hoje pelas 20 e meia horas, para assuntos urgentes e inadiáveis, pedindo-se por esse facto a comparencia de todos os delegados a este organismo.

Federação Nacional da Construção Civil. — Comissão Inter-Sindical.

— Reúne hoje, pelas 20 horas, a comissão revisora de contas para rever as contas de Março a Setembro.

Comissão Escolar. — A comissão convidada os alunos inscritos a comparecerem às aulas até ao dia 15 do corrente. No caso contrário as suas vagas serão preenchidas.

Apela-se também para os alunos que não tenham faltas a fim de que a comissão não se veja forçada a proceder como for de justiça.

Estudadores e Decoradores.

— Reúne hoje, pelas 20 horas, assembleia geral para leitura do estatuto do sindicato unico e nomeação de uma comissão de arrolamento.

Cortadores. — A assembleia geral reúne amanhã, para apreciar a nova organização sindical. Assistirão delegados da U. S. O. e dos operários do município.

Manipuladores de Borracha.

— Reúne hoje a assembleia geral, às 17,30, para proceder às eleições dos corpos administrativos para o ano de 1920. Caso não haja número, fica convocada para o dia 16 do corrente, à mesma hora.

Exploração do Porto de Lisboa.

— Reúne em assembleia geral na quinta feira, pelas 20 horas, a fim de tratar do aumento de salário e diversos assuntos de interesse para a classe.

Carpinteiros navais.

— Reunem hoje, às 17 1/2 horas, para resolver sobre a situação dos carpinteiros navais de Olhão. O ponto que não foi possível na ultima reunião tomar deliberações definitivas por operários daquela localidade não terem ainda respondido consulta que lhes foi feita.

Faz igualmente parte da "ordem de trabalhos" desta assembleia, a regulamentação das horas suplementares em relação ao salário mínimo desta classe.

Pessoal da Imprensa Nacional.

— Reúne hoje, às 21 horas, na sede da Associação, para apreciar a portaria saida no *Diário do Governo*, de 5 do corrente sobre a revisão e reforma do seguinte regulamento.

Catraeiros do porto de Lisboa.

— Reúne hoje a assembleia geral, pelas 18 horas, na sede da Associação dos Fragateiros.

Pessoal Extraordinário dos Tabacos.

— A assembleia geral reúne hoje pelas 17 e meia horas, com a seguinte Ordem de Trabalhos: Leitura e discussão do relatório do delegado ao 2.º Congresso Nacional Operário e da Comissão Administrativa referente ao ano de 1918, e ainda para a comissão de melhoramentos apresentar o resultado dos seus últimos trabalhos.

Construtores de macadam.

— A direcção reúne na quinta-feira pelas 19 horas, convidando a direcção da classe dos calceteiros, a comparecer a essa reunião, para um assunto que se prende com as suas classes.

Perseguições governamentais

Comissão pró-presos por questões sociais

ULTIMAS NOTICIAS

Na Alemanha

Os socialistas independentes querem estabelecer a ditadura proletária

BASILEIA, 6.—O partido socialista independente da Alemanha reuniu-se em Leipzig. O presidente Crispian expoz o programa do partido em que os independentes reagem tanto do compromisso com os partidos burgueses. Não querem ser socialistas do género Noske, nem seguir o caminho dos anarquistas e sindicalistas, ainda que, hoje como sempre, se coloquem no terreno do marxismo científico.

Ao tratado de Versailes — disse — é a continuação da guerra por outros meios; a Sociedade das Nações não é outra coisa que a organização internacional do capitalismo. O socialismo científico

recebe do acontecimentos actuaes um admiravel justificação e pertence-lhe o futuro. O trabalho immediato dos socialistas independentes é conseguir a conquista do poder politico e o estabelecimento da ditadura do proletariado.

Não se cansarão de opôr a violência à violencia. O parlamentarismo será considerado pelos independentes apenas como um meio para desmascarar o governo e os outros partidos.

Crispian terminou expressando a sua confiança em que o partido socialista independente triunfará de todos os inimigos. *Rádio.*

Em vespas de revolução

Continua a agitação em toda a Italia

ROMA, 3.—Em Turim, Génova, Bologna e Milão houve alguns motins. Os mais graves foram em Milão, onde morreram tres pessoas, uma delas um carabineiro, e havendo alguns feridos mais ou menos levemente. — H.

Atentados dinamitistas em Florença

ROMA, 8.—Em Florença explodiu uma bomba de dinamite junto do café Gambinus. Produziu enorme pânico e alguns ferimentos ligeiros nas pessoas que se encontravam proximo. Atribui-se o atentado aos terroristas.

A bomba colocada na tipografia do jornal conservador *Gazeta do Povo* podeser descoberta antes de explodir. A policia procura os autores do crime.

Preparativos de paz...

VIENA, 6.—Os jornais dizem que o governo checo-slovaco ordenou a mobilização secreta de todas as classes até aos 38 anos. *(Rádio).*

Na América do Norte

A apresentação de candidaturas a presidência da Republica

NEW-YORK, 6.—A Convenção republicana do Estado de Dakota do sul apresentou a candidatura do general Leonard Wood para a presidência e a de Calvin Coolidge, governador de Massachusetts para a de vice-presidente.

Por sua parte, a Convenção democratica dos sete Estados ratificou a candidatura do presidente Wilson e de Marshall. *(Rádio).*

A deportação dos operários para Cabo Verde

Numa imponente sessão na sede dos Manufatores de Calçado, protesta-se veementemente contra as violências do sr. Sá Cardoso

Realizou-se ontem na sede dos manufatores de calçado com extraordinária concorrencia a sessão promovida pelo Grupo de propaganda e defesa social, de protesto contra a deportação dos nossos camaradas expulsos do Brasil.

Abrui a sessão o camarada Victor Martins, como delegado da U. S. O., secretariado por Alberto Monteiro e Alexandre Assis. Após a leitura do expediente, que constava de inúmeros officios de organizações operárias, protestando contra a inqualificavel violencia, fez uso da palavra Bernardino dos Santos que em nome do grupo *Os Rebeldes* protestou energicamente contra a deportação dos nossos camaradas, fazendo votos porque se passe dos protestos platónicos a alguma cousa de mais pratico, que meta na ordem os governantes, obrigando-os a olhar com mais algum carinho para os trabalhadores.

José Jilão, pelo grupo *Os Revoltados*, declarou trazer ali a adesão pura e simples do seu grupo, para que mais alguma coisa se faça, para que a esses nossos camaradas seja feita a justiça que merecem. António d'Oliveira diz

que é necessário que os trabalhadores se preparem para, com um gesto altivo, obrigarem os governantes a conduzirem à metrópole os camaradas expulsos do Brasil.

Usaram ainda da palavra Alberto Monteiro, Alexandre Assis, Rozendo José Viana e outros que seguiram na mesma ordem de ideias dos oradores antecedentes, declarando-se satisfeitos pela extraordinária concorrencia. N' final foi aprovada uma moção, cujas conclusões são as seguintes:

1.º Protestar contra esta deportação injustificável; 2.º Promover um levantamento em massa para que desse protesto saia algo de pratico; 3.º Iniciar-se desde já uma intensa propaganda, para que no mais breve espaço de tempo se leve a efeito um comicio publico, para se obter a volta dos deportados.

Hoje realizar-se há outra sessão, que será a segunda da série, tendo lugar na Federação do Livro e do Jornal, às 21 horas. Pede-se a todos os trabalhadores a sua assistência a este importante acto, levando as suas companheiras, cumprindo assim um indeclinavel dever.

TEATROS & CINEMAS

Noticias

Promovida pelo semanário *A Trova Popular* realizou-se ontem no Sallao da Trindade uma festa atramente em que tomaram parte varios artistas, entre os quaes a actriz cantora Elvira Costa, bariton Antonio Caldeira, o tenor Carlos Viana Dias, e fez-se ouvir a grande Orquestra de Guitarras sob a direcção do sr. Reinaldo Varela.

A recita decorreu animadissima, sendo os seus condutores de tam bela festa muito aplaudidos.

Vai, muito brevemente, ser fixada a data da *première*, da peça *Montmartre*, que subira a cena, no Nacional, em 2.ª recita de assinatura. Nessa peça os actos decorrem durante um espectáculo de variedades com musica, formando um aspecto devaria pitoresco. O distincto actor Augusto de Melo é quem está ensaiando a peça.

HALVO

ALVAIADE INGLEZ PARA PINTURA

Cobre muitissimo mais que outro qualquer. Por esta razão é muitissimo mais economico que outro qualquer.

DEPOSITO GERAL:
R. NOVA DE S. DOMINGOS, 114-
PO. 190-0
AVENIDA DA LIBERDADE, N.º 59
LISBOA

Drogaria Progresso

Henriques & Ribeiro

Produtos quimicos e farmaceuticos
DEPOSITARIOS DO
Creme Beleza das Damas e
Pasta esmalte Rosa

O melhor e mais higienico
para unhas

Estanho marca DRAGÃO

Deposito de Aguas Minerais

109, Rua da Escola
Politecnica, 113
Lisboa

722 Telefone 1561-Norte

NICOLAU GOMES CORREA

Alfaiate-Mercador

Fornecido e o dos Empregados dos Caminhos de Ferro Portugueses, do Sul e Sueste, da Caixa dos Operarios da Camara Municipal de Lisboa e da Cooperativa da Fabrica de Material de Guerra.

Variedade de laticios para homens e senhoras, padões da moda, preços limitados.

ALFAIATARIA Especialidade em fatos, sobretudos, casacos de senhora e confeccionados, tudo pelos figurados da moda.

255-Rua dos Panqueiros-255

Reumatismo

Seja ele de que qualidade for e antigo que seja, a sua cura é certissima e em poucos dias sentindo-se prontos alivios logo em seguida as primeiras vezes que se uzar. Cada tubo \$20, pelo correio mais \$20. Vende-se na travessa da Oliveira, 21, r/c. D. (ao Largo da Esplanada)

Perfeito de Carvalho

NOTAS & COMENTÁRIOS

Preço \$30

A' venda em todas as livrarias e na Administração de A Batalha.

Mais uma bicha

Disputam-se a pancia das pechinhas da nossa casa.

O nosso sortido impõe-se. Venham ver! Venham ver! Botas para homem 64750, 34750, 89750.

Botas para homem liquidam-se a 118000, 128000, 138500.

Sapatos de pelica para senhora a 74500, 83000, 104000, 118000.

Sapatos em pelica verniz para senhora, salto à Luiz XV, a 115500, 123500, 133500.

Fornecedores dos empregados dos Caminhos de Ferro Portugueses e do Sul e Sueste e da Cooperativa dos Empregados do "Diário de Notícias".

SAPATARIA S. ROQUE

16 - Largo de S. Roque - 17

A. J. CONTENTE

33-Rua do Comércio-33

CAMBIO, PAPEIS DE CRÉDITO, coupons e moedas nacionais e estrangeiras, etc.

ISIDRO INEIRO & C. ALFAIATES

50, 1.ª - Rua do Loreto (Próximo à Praça de Camões)

Confeções para homem e senhora

Especialidade em trajes a rigor

Tecidos do mais requintado fino gosto tanto nacionais como estrangeiros

Acabamento rápido e primoroso

Aos Marceneiros

CHEGOU nova remessa de folha

Nogueira Mogno Pau Santo Sicó-mór Olho de Perdiz Carvalho

Madeiras serradas em todas as grossuras, por ter máquina de folha. Sempre em depósito madeiras serradas de todas as qualidades. Estância de madeiras - Largo dos Inglesinhos - Sabino da Silva.

A BATALHA em Braga

Vende-se na BARBEARIA RIO - Rua da

RAZÃO

(Poemeto social)

O inteligente operário gráfico Alfredo Neves Dias compôs um interessante poemeto social, cujo produto liquido reverte a favor do jornal A Batalha. Trata-se de uma pequenina obra, inspirada e sincera, tecnicamente perfeita, que se lê com agrado, pelas suas paginas atraentes.

RAZÃO

que se apresenta modestamente tem contudo um real valor.

Um folheto impresso em magnifico papel.

Preço \$05 centavos (50 réis)

A' venda na administração de A BATALHA, Combro, 38-A, 2.ª

Sociedade "Estoril"

Caminho de Ferro Cais do Sodré a Cascais

AVISO AO PUBLICO

A partir de 10 do corrente sobre as seguintes alterações o horário em vigor: Os Correios 205 e 15 passam a ter a marcha seguinte:

Combro, n.º 15, 1.ª e 2.ª classes. Partida: Cais do Sodré, 18.30; Belem, 19.01; Pedrouços, 19.16; Algas, 19.05; Dafundo (ap.), 19.10; Cruz Quebrada, 19.15; Casais, 19.18; Paço de Arcos, 19.25; Santo Amaro (ap.), 19.28; Oeiras, 19.30; Carcavelos, 19.34; Paredes, 19.38; Cai Aguiar (ap.), 19.42; S. João do Estoril (ap.), 19.46; Estoril, 19.49; Monte Estoril (ap.), 19.52; Cascais, Chegada, 19.54.

Combro, n.º 205, 1.ª e 2.ª classes. Partida: Cais do Sodré, 18.40; S. João do Estoril (ap.), 19.10; Estoril, 19.16; Monte Estoril (ap.), 19.19; Cascais, Chegada, 19.21.

O C.º 9, que se efectua aos domingos e feriados, tem 12 minutos de paragem em Santos.

O C.º 102 tem diariamente paragem de 12 minutos em Algas.

Lisboa, 14 de Dezembro de 1919. - O Eng.º

O inverno chega!!

e também tem chegado vários artigos que formam o completo sortido da

"Parisiense"

Chinpeus, gravatas, bengalas, camisas, pa-rourous de melha de lã e algodão, guardas-chuvas para homem e senhora, e um enorme stock de galochas para homem, senhora e criança, recebido dos principais centros comerciais. Recomenda-se uma visita a este estabelecimento não só para verificar a veracidade do que se expõe, como também pela forma escrupulosa como são feitas as transacções e a modicidade de preços.

60, Rua Nova do Almada, 62
124, Rua de São Nicolau, 128
TELEFONE-C. 715

Chapelaria A SOCIAL

Cooperativa dos Operários Chapelheiros

Grande sortimento em chapéus, lisos e mesclas em cores lindissimas, formatos dos mais afamados fabricantes estrangeiros

GRANDE NOVIDADE

Chapeu mole, novo modelo americano, muito elegante, só na Cooperativa A SOCIAL

ESPECIALIDADE EM CHAPEUS DE SEDA E FLAMÃO

Armazem e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.ª

ESTABELECIMENTOS

Sede: - 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33

1.ª Sucursal: - Rua dos Poiais de S. Bento, 74, 74-A

2.ª Sucursal: - Rua do Corpo Santo, 29

3.ª Sucursal: - Rua do Arco do Arco do Marquês de Alegrete, 56, 58

Fábrica de bonets

Chapeu modelo Jaurés (Exclusivo)

MADEIRAS

e materiais de construção nacionais e estrangeiros

Grande sortimento de soalhos de pinho de primeira qualidade

Forros e fassquias de todas as qualidades

YIGAMENTO DE PINHO EM GROSSO E SERRADO, GASQUINHA E SPRUCK

Ferragens, pregos, telhas, tijolos, cal, cimento e manilhas

JOÃO DE OLIVEIRA DUQUE

288, RUA DO BEMFORMOSO, 290 - LISBOA

DEPOSITO - Estrada de Sacavem, 261-A

Telefone N.º 1288

Herd suíno de Ranholas

(S. PEDRO DE SINTRA)

Proprietário: -- Gomes Neto Júnior

Bácoros das raças puras inglesas Yorkshire (grande e mediano) e Grande preta e da americana Poland-China. O Herd pode ser visitado aos domingos, terças e quinta feiras das 14 às 16 horas.

Dirigir pedidos ou para a rua do Alecrim, 47, 1.ª - Lisboa ou para o CASAL DE SANTO ANTONIO, em Ranholas - Sintra (694)

LIMA NETO, MOURA & C.ª

Compra e venda de títulos nacionais e estrangeiros

Rua dos Retrozeiros, 100 a 106

Esquina da rua dos Sapateiros, 1 e 3

TELEFONE 3844 TELEGRAMAS - "IMAN"

Seguros Sociais Obrigatórios

Contra desastres no trabalho

Pedir as cadernetas para a inscrição obrigatória do pessoal ao CONSORCIO GERAL DE SEGUROS CONTRA ACIDENTES E RESPONSABILIDADE CIVIL.

LISBOA, RUA IVENS 49 - PORTO, RUA SÁ DA BANDEIRA, 222

CALÇADO

Ninguém vende mais barato

Para homens, senhora e crianças. Não se paga luxo e vai-se bem servido. CASA PROGRESSO, Rua D. Pedro V, 59 a 63, esquina da R. da Rosa.

SIFILIS

Grande descoberto de plantas para a cura da sífilis e de todas as doenças que derivam da im-pureza do sangue. Cestinas de pessoas se tem curado. Trata-se de todas as doenças por meio de ervas. Páote, 600 réis. Travessa da Oliveira, 21, rez-do-chão, direito, à Estrela.

OURO COMPRA-SE e paga-se bem, prata e platina qualquer quantidade.

RELOJOARIA E OUVESARIA

do CAIS DO SODRÉ

Rua do Corpo Santo, 54

Trabalhadores: Lede e propagati A

METALÚRGICA PORTUGAL

715

Serralharia Civil Mecânica e Forjas

A PRODUTORA

Fábrica de Ferragens a Vapor

Fábricas em Lisboa e Porto

Braz, Henrique & C.ª L.ª

Entrega imediata. Molinos acromotor "Portugal" de todos os tamanhos. Motor a gasolina. Enxadas, pás, picaretas e bombas de todos os sistemas e para todos os fins.

Ferramentas para fábricas de conservas. Reparações em máquinas e automóveis. Orçamentos gratuitos.

MADEIRAS E MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

Sede em Lisboa: R. Moraes Soares, 106-B. Telef. 273-Norte.

NO PORTO

R. da Cavada 497

Telef. 1267

Telegramas: Volcano

"Garantia"

Companhia de Seguros Marítimos e Terrestres

FUNDADA EM 1853

SÉDE NO PORTO: RUA FERREIRA BORGES

(Edifício proprio)

Capital 1.000 CONTOS

(Um milhão de escudos)

Stuistros pagos até 31 de Dezembro de 1918: 6.579.529\$26,6

Dividendo distribuido, idem, idem: 1.394.000\$00

Efectua seguros contra riscos de fogo, industriais, lucros cessantes, aluguéis de predios, greves e tumultos (só em predios e mobilias), agricolas, automóveis, riscos marítimos e riscos de guerra.

Agentes em Lisboa

José Henriques Totta & C.ª

BANQUEIROS

69 a 79, Rua Aurea, 69 a 79

Telefone 533 e 1589 Central

AUTOMÓVEIS

Indústria nacional

Nas acreditadas officinas de

Anastácio Fernandes

Fabricam-se com garantia todas as engrenagens e mais peças para automóveis, barcos, toda a qualidade de motores, máquinas, etc.

Aço especial garantido

Serralharia mecânica

Rua de Santo Antão, 165

Telefone 940-C.

Sociedade "Estoril"

Caminho de Ferro Cais do Sodré a Cascais

EXPLORAÇÃO

Concurso para a exploração de um Bufoete na Estação de Cais do Sodré

AVISO

Até às 15 horas do dia 22 de Dezembro receberá esta "Sociedade" propostas em carta fechada, para a construção e exploração do Bufoete acima indicado, durante o ano de 1920, devendo as mesmas serem endereçadas ao Serviço de Exploração desta "Sociedade" com a designação exterior: "Proposta para a construção e exploração do Bufoete da estação de Cais do Sodré". As condições em que será feita a concessão, estão patentes no Serviço de Exploração.

Lisboa, 2 de Dezembro de 1919. - O Engenheiro Sub-Director, Manuel Belo.

CASA DA BORRACHA

Sortimento variado de artigos da especialidade. Sacos de borracha para água quente.

Pneus "Dunlop"

815x105 880x120 820x120 920x120 e 935x135

Câmaras das mesmas medidas

263 - R. da Prata - 265

J. V. BAPTISTA

TUBO de chumbo novo para Agua e Gás.

Tubo de ferro fundido para algerozes de 4".

Zinco em barra para galvanização de cavilhas.

Aço francês especial para minas 1" 1/4 oitavado.

Rodas Decauville novas.

Francheta de ferro 1" x 3/16.

Meia cana 1" 1/2 x 1/2.

Folhas novas de molas.

Vergalhão de ferro novo 1" 3/4 quadrado.

Ferragem diversa para navios.

Paus de carga.

Um motor a gaz pobre completo Steoprot 30 HP.

Uma ventoinha 7" 3/4.

Doas enfardadeiras para palha.

Uma enfardadeira para cortiça.

Madeira para calças de exportação.

Vende: A. B. dos Reis.

Cais do Sodré, n.º 52 - Tel: C. 4317.

OURO COMPRA-SE e paga-se bem, prata e platina qualquer quantidade.

RELOJOARIA E OUVESARIA

do CAIS DO SODRÉ

Rua do Corpo Santo, 54

Trabalhadores: Lede e propagati A

ALFAIATARIA CABRAL

Rua do Ouro, 170, 1.ª

Fazendas das principais procedências Pretos e azuis garantidas

Tel. C. 3060

O BRIC-À-BRAC

DE

ALCANTARA

DE

José Nicolau Veríssimo

RUA DE ALCANTARA, 37

SUCURSAL - RUA DO LIVRAMENTO, III e IIS

Compra, vende e troca móveis novos e usados e toda a qualidade de artigos de mobiliaria completas de quarto, casa de jantar, escritório e sala. 5 0/10 de desconto aos assinantes da Batalha.

Sociedade "Estoril"

Caminho de Ferro Cais do Sodré a Cascais

EXPLORAÇÃO

AVISO

Terminando em 31 de Dezembro de 1919 as concessões para a venda de água, frutas, doces e tabacos nas estações e apeadeiros desta linha abaixo indicados, pelo presente se faz publico de que até ao dia 22 de Dezembro pelas 15 horas, esta "Sociedade" receberá novas propostas em carta fechada dirigidas ao Chefe dos Serviços de Exploração, Cais do Sodré, para a sua venda até 31 de Dezembro de 1920.

Belém, Pedrouços, Algas, Dafundo, Cruz Quebrada, Casais, Paço de Arcos, Santo Amaro, Oeiras, Carcavelos, Paredes, Cai Aguiar, S. João do Estoril, Estoril, Monte Estoril, Cascais.

São prevenidos os proponentes de que: 1.ª - No invólucro das propostas além do endereço deverá indicar-se o seguinte: "Propostas para a venda de água, frutas, doces e tabacos". 2.ª - As propostas deverão estipular claramente o preço fixo oferecido para a venda até 31 de Dezembro de 1920, considerando-se nulias e de nenhum efeito as que se apresentarem fora destas condições. 3.ª - As demais condições estão patentes no Serviço de Exploração de Lisboa. Lisboa, 2 de Dezembro de 1919. - O Engenheiro Sub-Director, Manuel Belo.

AMBRINA

Para queimaduras, fricções, acidentes de trabalho, como golpes, contusões, etc.

A' venda em todas as farmacias

Agentes gerais: CALDAS, L.ª

T. REMOLARES, 30, 2.ª

Aos melhores preços

Parafusos com porca, cantaria e outras ferragens e ferramentas. Máquinas de serrar, sem fim e circulares. Pás, picaretas, ancinhos, enxadas, carros de mão e para sacaria, açoes.

Antonio Furtado dos Santos, A. Paz & C.ª

148, Rua da Boa-Vista, 150 - Tel. 1780.

Exames para mestres de obras

HABILITAM-SE

Carta à agência de anúncios. Rua Augusta, 270-1.ª. Letras F. A., - 3414.

Tribunal do Comércio da Comarca de Lisboa

2.ª vara ANÚNCIO

Por este tribunal e cartorio do escrivão abaixo assinado, correm editos de 40 dias a contar da publicação do ultimo anúncio ciando Joaquim Martins Ramos e D. Maria da Gloria Martins Ramos, residentes que foram, na rua da Madalena, n.º 109, 1.ª andar, e actualmente anuentes em parte lo-cada, para no prazo de 10 dias, depois de lido o dos editos, impugnarem o pedido feito por Augusto Marques Pereira, de quantia de 19800, custas, selos, e proccuraçao, sendo aquela quantia proveniente de seis letras: uma de 5000, outra de 4000, outra de 4200, outra de 3680, outra de 3680, e outra de 2000, todas aceites pela reu e as tres ultimas também aceites pela reu, sendo por isso os citados responsáveis pela importância das tres letras por ele aceites e o reu responsável pelas tres letras do seu aceite, sob pena de serem denadados no referido pedido, nos termos legais.

Lisboa, 4 de agosto de 1919.

O escrivão do 2.º officio

Alberto Augusto Ferreira.

Verifiquei: Carvalho

Solas e Cabedais

COLOSSAL SORTIDO e miudezas que diz respeito

IMPORTAÇÃO DIRECTA

Trem à disposição dos Ex.ªs - fregueses -

Telefone 949-C.

TELEGRAMAS Tremcabedais

RUA DA MOURARIA, 93-95

LISBOA N.º 880

A Minha Defesa

por Jorge Etiévant

Auto-defesa do autor no tribunal, é uma das melhores obras de propaganda social revolucionária.

Pedidos desde já a administração de A Sementeira, Cais do Sodré 38 ou na administração deste jornal.

Cada exemplar, 5 centavos.

Torneiros de Metais

Precisam-se. Rua Conselheiro Abranches, 9.

Caldeireiros

Precisam-se. Rua dos Mestros, 31 e 33 e Conde Barão.

Funileiro

Precisa-se. Rua Sousa Martins, n.º 4 A.

Associação de Socorros Mtuos Filantropica Lisbonense

Sede: - Rua da Rosa, 138, 1.ª D

Aviso

São convidados os dignos scios a reunirem em Assembleia Geral, no dia 11 do corrente, pelas 20 horas, a fim de procederem a eleição dos Corpos Gerentes para o anno de 1920.

Não reunindo número legal, fica a mesma adiada para o dia 20, no mesmo local e de a deliberando com qualquer numero de scios.

Lisboa, 1 de Dezembro de 1919.

O presidente da Mesa,

José Pinto.